

Em Busca de Segurança



A nova “*Estratégia para a Segurança Nacional*” dos Estados Unidos representa um desafio não só para o povo desse país, mas também para a comunidade global.

O Conselho de Bispos da Igreja Metodista Unida criou um “grupo de trabalho especializado” para estudar a questão da segurança de uma maneira bem compreensível.

O resultado é o seguinte “*Documento de Estudo*”, o qual foi adoptado pelo Conselho de Bispos na sua reunião da Primavera de 2004 para posterior estudo e discussão, em áreas episcopais, congregações locais, seminários e conferências.

I – O Problema

Embora as opiniões à volta do mundo acerca das consequências do “11 de Setembro” possam diferir, pelo menos nos Estados Unidos há um sentimento comum que é partilhado por todos os comentadores do acontecimento, até hoje – o povo americano perdeu a certeza de viver num país seguro. O mito da invulnerabilidade foi destruído.

No documento “*A Estratégia Nacional para a Segurança no País*” lê-se: “Historicamente, a América baseava-se em dois vastos oceanos, e em dois países vizinhos amigáveis, para a segurança de todas as fronteiras. Mas “*A América aprendeu uma terrível lição em 11 de Setembro. O solo americano não é imune ao mal ou a inimigos sanguinários capazes de terror e assassínios em massa*”.

Na revista TIME, de 15 de Setembro de 2003, Nancy Gibbs escrevia: “*Nesta semana, faz agora dois anos, perdemos de vez a ideia brilhante de que o nosso mundo era seguro, que os oceanos nos protegiam, e que havia regras, mesmo entre o ódio contra homens, que levou à matança de inocentes.*” Tudo que no “caminho da segurança” prometa satisfazer o anseio por segurança e restaurar a confiança perdida, é quase certo que será aprovado pela sociedade. O anseio pela segurança é um sentimento que todos os seres humanos partilham uns com os outros. E o que o povo americano sentiu em 11 de Setembro, outros povos à volta do mundo sentiram durante muitos anos – alguns deles dia após dia.

Relembremos uns poucos de exemplos de diferentes partes do mundo e de diferentes áreas da vida humana.

- Os povos da Libéria, Serra Leoa e outros países de África viveram muitos anos num estado de insegurança. As chamadas tropas regulares e os chamados rebeldes lutaram uns contra os outros e ameaçaram, mutilaram, e mataram gente indiscriminadamente. Todos eram inimigos de todos e mesmo depois da guerra, mantém-se o sentimento de que não se pode confiar em ninguém, nem sequer na família. Nada é seguro!

- Em outras regiões do mundo, muitos anos depois de guerras civis, o povo vive sob a ameaça das minas ocultas. Não há solo seguro. Os agricultores que cavam os seus campos e crianças que brincam podem ser atingidos por uma explosão e severamente feridos ou mortos.

- O Estado de Israel construiu um imenso muro que separa as áreas da Palestina e de Israel para proteger o seu povo de ataques terroristas, principalmente de bombistas suicidas, que fazem da vida, nas cidades de Israel, um pesadelo. Cada paragem de autocarro ou café ou supermercado pode ser uma armadilha mortal. Mas o que parece proteger o povo judeu ameaça os palestinianos: ligações importantes são cortadas, propriedades são confiscadas, pessoas são excluídas.

- Em muitos países, não só na vizinhança de favelas e bairros de lata do chamado Terceiro Mundo, gente “bem” guarda-se a si mesma contra assaltos e roubos, em “comunidades gradeadas”, e procuram segurança e protecção atrás de muros e de arame farpado.

- Há muitos locais das grandes cidades do nosso mundo onde as pessoas – especialmente as mulheres – não se atrevem a andar na rua sozinhas à noite.
- Mesmo num país como a Suécia, onde os políticos não precisavam de guarda-costas, houve ataques homicidas contra eles. E por meio das bombas nos comboios, em Madrid o terror foi levado ao coração das cidades europeias.
- As nossas escolas já não são lugares seguros. Massacres como em Columbine e Erfurt são apenas a ponta do icebergue da violência escondida que transforma a escola num lugar de medo e terror para muitas crianças.
- Seria de esperar que pelo menos as igrejas fossem lugares seguros. Mas muitas crianças e mulheres acabaram por ser vítimas de abusos ou perseguições.

Evidentemente isto não é o retrato total do que acontece no mundo. Ainda há lugares onde as pessoas não precisam de se fechar em casa ou nos carros (em especial quem não tem carros nem fechaduras) ... Mas estes últimos vestígios de um mundo seguro estão cada vez mais ameaçados.

E assim, as pessoas através do mundo suspiram por mais segurança e pela possibilidade de vida com mais confiança. Como podemos fazer deste mundo um lugar mais seguro?

Enfatizamos: Muita gente através do mundo ansiando por mais segurança e uma vida segura, apesar das ameaças que receiam poderem manifestar-se de diferentes maneiras.

Perguntamos a nós mesmos: O que ameaça mais a nossa situação?

II – Segurança numa Perspectiva Bíblica

Viver em segurança é uma necessidade humana básica. E o tema não é passado despercebido na Bíblia. Especialmente no Antigo Testamento é um aspecto importante da salvação do povo de Deus. Ser salvo é viver seguro, em conjunto.

Porque a Bíblia é muitas vezes citada superficialmente quando se lida com a questão da segurança, vamos olhar mais a fundo para o modo como este tema é tratado na narrativa bíblica.

1. As Promessas de Deus

A certeza de que Israel “viveria em segurança é parte da promessa de Deus ao seu povo no A.T. Está ligada à dádiva da Terra Prometida, na qual iriam viver em paz. Devemos observar dois aspectos diferentes desta segurança:

- ♦ Viver seguro pode ser visto como uma promessa incondicional que move o povo de Deus a trazer-lhe ofertas, sacrifícios e presentes (cf. Dt 12: 10 e seg.; 33: 12, 28).
- ♦ Também pode ser descrito como uma consequência da obediência do povo aos mandamentos de Deus (Lv 25: 18 e seg.; 26: 3-5). Israel viveria em segurança na medida em que seguisse os líderes enviados por Deus (cf. 1 Sm 12: 11; 1 Reis 4: 25).

2. Caminhar em Segurança

Para o indivíduo “caminhar seguro” ou “estar em segurança” é por um lado uma consequência da obediência a Deus e da integridade pessoal (cf. Pv 1: 33; 3: 23; 10: 9): *“Mas, o que me der ouvidos habitará seguramente, e estará descansado do temor do mal.” ‘Então andarás com confiança no teu caminho, e não tropeçará o teu pé.’ ‘Quem anda em sinceridade anda seguro; mas o que perverte os seus caminhos será conhecido’* e por outro lado, uma dádiva de Deus e por isso um assunto importante para oração e acção de graças (Sl 4: 9; 16: 9).

3. A Redenção de Israel

Quando Israel se tornou joguete das superpotências do seu tempo e a sua integridade e segurança nacional forem ameaçadas ou destruídas, os profetas declararam que isso era consequência da desobediência ou da falta de confiança do povo. Mas anunciavam também que,

após um tempo de julgamento, Deus guiaria o seu povo para um futuro no qual eles “viveriam em segurança”. Isto está ligado à vinda do Messias (Jr 23: 5 e seg.; 33: 16; Mq 5: 4); ou à entrega de uma Nova Aliança (Ez 34: 25-28; Os 2: 18); ou ao ajuntamento e regresso a casa de todos os que foram dispersos pela ira de Deus (Jr 32: 37; Ez 28: 26; 38: 8; 39: 26; Zc 14: 11).

4. A Questão da Justiça

Uma parte integral da promessa de vida em segurança é o anúncio de que virá o tempo em que a justiça e a rectidão governarão a terra e assim criarão “*shalom*”, a paz autêntica. Não é possível enfatizar demais a importância e a necessidade de rectidão e de fidelidade para confiar nas condições de paz e de vida segura.

Os profetas anunciam o resultado do Reino de Deus e do seu Messias: “*E o juízo habitará no deserto, e a justiça morará no campo fértil. E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre. E o meu povo habitará em morada de paz, e em moradas bem seguras, e em lugares quietos de descanso.* (Isaías 32: 16-18; cf. 11: 1-9).

Mas é claro que isto não é apenas uma esperança para um futuro distante, mas mesmo para agora através do reinado de um rei justo (Sl 72: 1-7) e como resultado de uma nova abertura do povo à palavra da paz de Deus (Sl 85: 8-13: “*Escutarei o que Deus, o Senhor, disser; porque falará de paz ao seu povo e aos seus santos, contanto que não voltem à loucura. certamente que a salvação está perto daqueles que o temem, para que a glória habite em nossa terra. A misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram. A verdade brotará da terra, e a justiça olhará desde os céus. também o Senhor dará o bem, e a nossa terra dará o seu fruto. A justiça irá adiante dele, e ele nos fará andar no caminho aberto pelos seus passos.*”)

5. Confiança e Segurança

Uma das mais excitantes descobertas que se faz, na pesquisa do ponto de vista bíblico para a segurança e o facto de que a palavra hebraica que traduzimos por “segurança” é a mesma palavra que também significa “confiança”. Onde o povo é capaz de viver “com confiança” então viverá “em segurança”. Há lugares em que as traduções alternam entre estas duas opções: (versão revista – Is 12:2) “*Eu confiarei, e não temerei*”; (versão revista de Lutero) “*Estou seguro e não temerei*”; “*Eis que Deus é a minha salvação; eu confiarei, e não temerei, porque o SENHOR JEOVÁ é a minha força e o meu cântico, e se tornou a minha salvação.*” – Is 12: 2; “*E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre.*” – Is 32: 17. Na nova versão: “*A justiça trará paz: a rectidão produzirá calma e segurança.*” A segurança não tem a ver com o poder de se defender a si próprio, mas unicamente com a confiança em Deus.

6. Contra a Falsa Segurança

Os escritos dos profetas estão cheios de avisos contra a falsa segurança baseada nos poderes ou nos aliados humanos, ou mesmo na piedade pessoal, se tudo isto não estiver ligado à justiça e à rectidão. Para o profeta Isaías, a estratégia da segurança nacional de Israel depende da resposta à chamada de Deus à fé; (cf. Is 7:9b – “*Ouvis, de facto, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis.*” ou Is 10: 15 – “*Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que puxa por ela? Como se o bordão movesse aos que o levantam, ou a vara levantasse o que não é pau!*” cf. Is 31: 1-3.) Basear-se nas armas e esperar delas a segurança e a salvação é frequentemente sujeita à crítica dos profetas. Este não é o modo de Deus actuar: “*Mas da casa de Judá me compadecerei, e os salvarei pelo Senhor, seu Deus, pois não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros.*” (Os 1:7) Ou ainda com mais clareza “*Ai dos que descem do Egipto a buscar socorro, e se estribam em cavalos; e têm confiança em carros, porque são muitos, e nos cavaleiros, porque são poderosíssimos: e não atentam para o santo de Israel, e não buscam ao Senhor. Todavia, também ele é sábio e fará vir o mal, e não retirará as suas palavras; ele se levantará contra a casa dos malfetores, e contra a ajuda dos que praticam a iniquidade. Porque os egípcios são homens, e não*

Deus; e os seus cavalos carne, e não espírito; e quando o Senhor estender a sua mão, cairão por terra, tanto o auxiliador como o ajudado, e todos, juntamente, serão consumidos.” Is 31: 1-3. Ou a palavra do senhor a Zorobabel: *“Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito”* Zc 4: 6.

A mais perigosa decepção consiste em repousar numa mistura de confiança na sua própria rectidão, na promessa de Deus e num inteligente sistema de alianças sem realmente se perguntar qual é a vontade de Deus. Jeremias criticou os que diziam “Paz, Paz – quando não há paz” (6:14) ou “Estamos seguros” e não obedeciam à vontade de Deus (7: 1-15; também Is 47: 8; Sf 2: 15). Confiar em Deus e praticar a justiça e a rectidão é o único caminho para a paz e segurança. A história do Rei Ezequias é uma espécie de modelo para esta verdade (cf. Is 36-39; 2 Reis 18-20).

7. As Guerras do Senhor

Alguns poderão objectar: Mas o A.T. também fala nas “guerras do Senhor” (Nm 21:14) e na tarefa de conquistar e defender a terra prometida? Isso é verdade. Mas se olharmos com cuidado suficiente, veremos que esses aspectos não negam o que a Bíblia diz sobre paz e segurança. Quando lemos em Êxodo 15: 3 “O Senhor é varão de guerra” isto significa que Deus destrói o exército egípcio sem a ajuda de soldados ou de armas do lado de Israel! Como Moisés disse: “O Senhor pelejará por vós, e vos calareis” (Ex 14: 14; Sl 46).

Mesmo nas batalhas para a conquista da terra prometida e na sua defesa contra os inimigos temos muitas histórias que querem demonstrar que Deus não está “sempre com os maiores exércitos” (cf. Js 6: as trombetas causam a queda das muralhas de Jericó; Jz 7: Gedeão vence a batalha contra os Midianitas apenas com 300 homens; 1 Sm 17: David mata Golias sem a armadura de Saúl, mas apenas com uma funda). Pv 21: 31 resume este ponto de vista muito bem; “O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas do Senhor vem a vitória.”

Quando em Joel 3: 10 o citado em Is 2: 2-4 (Mq 4: 1-5) “as suas lanças em foices” é transformado no oposto “e estes converterão as suas enxadas em espadas e as suas foices em lanças” isto não é um apelo para Israel se levantar e finalmente defender-se ou proteger-se a si próprio com todas as armas possíveis. É muito mais uma irónica chamada às nações para tentarem tudo para se armarem contra Deus, apenas para serem finalmente julgadas por ele. Na Bíblia pegar em armas nunca é a maneira de conseguir segurança e paz.

8. A Vulnerabilidade dos Discípulos

No Novo Testamento pregar e ensinar a segurança parece não ser um tema. Pelo contrário, os discípulos são alertados para o facto de que seguir Jesus leva a uma radical insegurança, pelo menos numa perspectiva humana “As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” (Mt 8: 20). Não se espera que os discípulos se defendam a si mesmos e são encorajados a amar os inimigos (Mt 5: 38-48) e a confiar em tudo num Deus que sabe do que eles precisam (6: 25-33). Paulo descreve a segurança “dialéctica” daqueles que confiam em Deus com as seguintes palavras: “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre, por toda a parte, a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste, também, nos nossos corpos” (2 Co 4: 8-10; cf. 6: 3-10; 11: 21 - 12:10; 1 Co 4: 10-13).

Theodore Weber caracteriza a atitude dos primeiros Cristãos aptos: “Se a Ressurreição é verdade, então seja o que for que a verdadeira segurança significa, deve ser encontrada do outro lado da exposição ao sofrimento e à morte.”¹

A segurança da crença cristã é a convicção de que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade,

¹ Theodore R. Weber, Segurança, Responsabilidade Internacional e Reconciliação, Revista Trimestral, Verão de 1986 (11-29) p. 17.

nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, nosso Senhor.” (Rm 8: 38 e seg.).

9. A Luta Espiritual

Evidentemente, os apóstolos também sabiam alguma coisa sobre as forças do mal neste mundo e da luta contra o seu poder. Mas esta luta é uma luta espiritual contra poderes cósmicos (Ef 6: 10-17) e “a armadura de Deus” inclui o “escudo da fé”, o “capacete da Salvação”, e a “espada do espírito, a qual é a Palavra de Deus”. Os que praticam o mal, cometem crimes ou causam sofrimento, não são identificados com o mal em si mesmo. Por isso S. Paulo pode escrever o espantoso conselho “A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: ‘Minha é a vingança; eu recompensarei’, diz o Senhor. “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” (Rm 12: 17-21).

É Deus e o representante escatológico de Deus “o Cordeiro que foi morto” que vencerão o poder do mal (Ap 19). Por muito violentas e cruéis que sejam as imagens da última batalha nos últimos capítulos do Apocalipse, é claro que isto representa a severidade, intensidade e peso deste último choque e decisão sobre a questão de quem rege o mundo, mas não é de modo nenhum projecto para a nossa luta contra aqueles que ameaçam as nossas vidas e segurança.

10. O Cumprimento Final

Há uma clara visão do cumprimento final da promessa de Deus de paz e salvação quando Deus estiver presente no meio do seu povo e “e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” (Ap. 21: 3 e seg.). Mas enquanto vivermos neste mundo “andamos por fé, e não por vista” (2 Co 5: 7). Não em segurança total. Jesus disse aos seus discípulos que correriam perigos. Ele não disse isto para os atemorizar, mas para lhes dar segurança através da fé n’Ele: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas, tende bom ânimo, eu venci o mundo.” (Jo 16: 33; cf. 14: 27). A morte e a ressurreição foram a vitória de Deus sobre todos os poderes que podem ameaçar as nossas vidas. Ser salvo através deste realidade torna as nossas vidas seguras.

Enfatizamos: Segundo a Bíblia, a segurança real é uma dádiva de Deus. Viverão em paz e seguros aqueles que confiam em Deus e praticam a justiça para com o seu próximo. Isto torna-os vulneráveis e pode causar sofrimento. Mas a segurança de que ninguém pode separá-los da mão do Pai (Jo 10:29) torna-os livres para trabalharem para a reconciliação e a paz real.

Perguntamo-nos: Que efeitos tem isto para nós? O que nos apoia, nos sustém e nos conforta? O que nos parece estranho e como lidamos com estas declarações.

III – Perspectivas para a nossa actual situação

Esta perspectiva Bíblica não nos deixa com uma solução fácil para os problemas de hoje. Notamos que a mensagem Bíblica quase unanimemente nega a opção de confiar nas armas e nas forças armadas e encoraja a confiar unicamente em Deus. Mas, por outro lado, reconhecemos que vivemos num mundo cheio de terror e de violência que mata gente inocente apenas para espalhar medo e pânico. Muitos dos nossos políticos dizem-nos que só seremos capazes de combater o terrorismo se usarmos o poder militar para bater o inimigo com meios idênticos. Bastantes desses políticos são Cristãos dedicados e até podem proclamar que foram chamados por Deus para cumprir essa missão. A quem devemos seguir?

Quando ponderamos no significado da mensagem Bíblica para os nossos dias, temos que admitir que não somos Israel e que o conselho político dos profetas pode não ser directamente a palavra de Deus para o nosso tempo e as nossas situações. Nenhuma nação do nosso tempo, talvez nem mesmo o Estado de Israel, possa clamar que é um povo escolhido e portanto o receptor directo das promessas e dos mandamentos de Deus. Nenhuma nação é constituída só

por discípulos de Jesus, dos quais se possa esperar que sigam os ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha.

Será então que isto significa que a perspectiva Bíblica nada nos tem a dizer, nem aos responsáveis pela segurança na nossa sociedade e no mundo? Precisamos da polícia nas nossas cidades para manter a ordem civil e fazer respeitar a lei. Isto está de acordo com os ensinamentos do N.T. (cf. Rm 13: 1-7). Podemos mesmo precisar de acções militares quando isso for o “último recurso” para defender um país ou para intervir a favor de um povo em risco de ser exterminado por outros. Mas tendo sempre em mente que uma política de lei e ordem só criará umas tréguas instáveis e não paz real. Precisamos de uma perspectiva Bíblica de *Shalom* para aprender o que poderá dar ao povo paz autêntica e tornar a sua vida segura.

Nós, como Conselho dos Bispos, queremos partilhar com o povo, dentro e para além dos limites da Igreja Metodista alguns pontos de vista sobre como os impulsos da mensagem da Bíblia e os ensinamentos da nossa tradição Cristã podem ajudar a discernir a vontade de Deus para o nosso tempo, e o que, como povo cristão podemos contribuir para a busca comum da segurança. Não ter a última palavra para estas complicadas questões, mas queremos dar alguma orientação para um tempo de estudo cristão sobre um assunto de vida ou de morte para tanta gente no mundo.

1. A busca de segurança e a pressão do medo

A falta de segurança cria medo e o medo cria reacções perigosas. Sentimos isto em muitas situações do dia-a-dia. Quando respondemos a um desafio, devido ao medo, por vezes fazemos piorar a situação. O homem que quer proteger a sua casa com uma espingarda e acaba por dar um tiro a um vizinho que lhe bate à porta de noite a pedir pão, é apenas um exemplo.

Perguntamos a nós próprios se as chamadas “acções preventivas” que são invocadas pela Estratégia da Segurança Nacional dos Estados Unidos não serão mais do que uma reacção excessiva originada pelo medo de uma possível ameaça. Os pressupostos para uma “guerra preventiva” são contrários às normas morais tradicionais, porque a guerra deveria ser um último recurso e há demasiado risco de avaliar mal a suposta ameaça. Muito haverá para dizer acerca de acções preventivas do ponto de vista da lei internacional: por exemplo, a norma estabelecida para acções preventivas assume a iminência de uma ameaça, tal como uma visível mobilização de forças. Em qualquer caso, pode ser questionado se tais acções preventivas servem o seu propósito, pois a lógica do medo não resolve os problemas existentes, antes cria novos problemas.

Todas as evidências invocadas indicam que, para além de razoáveis dúvidas, as razões dadas ao público para justificar a guerra no Iraque eram falsas. Nem a segurança do mundo, nem a da região estavam em risco. As sanções e os controlos das Nações Unidas cumpriram a sua missão. Não havia conexão entre Saddam Hussein e a Al Qaeda. Mas numa atmosfera de medo, as pessoas tinham tendência a acreditar no que lhes diziam, não discernindo que tal guerra iria fortalecer o impacto do terrorismo islâmico nesses países, em vez de o destruir.

A experiência avisa-nos para estar alerta quanto à retórica da guerra. É muito popular falar de guerra contra o terrorismo ou contra drogas. Mas é perigoso usar este conceito. A guerra mata indiscriminadamente. Dizem-nos que as guerras modernas são limpas. Mas a palavra suja “danos colaterais”, que tenta camuflar a verdade oposta, revela mais do que esconde. A guerra tenta destruir. Se pretende atingir algo perigoso, pode parecer aceitável. Mas a guerra não tem um programa pré-fabricado para mudar as coisas nem para reconstruir de novo modo o que foi destruído. Uma última observação: o medo leva a acumular armas e a dedicar demasiados recursos ao objectivo de deter um suposto inimigo. De modo paradoxal é uma tentação especial dos fortes e ricos reagir nesse sentido. Isto bloqueia recursos que podiam ser usados mais criativamente para desenvolver a justiça social ao redor do mundo.

Todas estas considerações não se aplicam apenas à questão das relações internacionais. Também são verdade para a vida nas nossas comunidades. Ninguém gosta de viver com uma vizinhança insegura. Ser ameaçado pelo crime e perseguição torna-nos ansiosos. Ficamos gratos

quando a polícia está presente e nos protege. Mas a Tolerância Zero não é a última resposta e por vezes atinge as pessoas erradas. A solução real não é sermos protegidos a qualquer custo, mas tentar remediar o que está errado na sociedade e o que causa os problemas. Para isto é preciso coragem.

Como povo Cristão nós partilhamos a ansiedade e os receios do povo à nossa volta. Mas nós conhecemos Aquele que não cessou de dizer aos discípulos “não temais”. Além disso, o nosso contributo para o processo de tomar decisões na nossa sociedade deve ser evitar reacções excessivas aos desafios, ditadas pelo medo, e trabalhar para soluções que resolvam os problemas de maneira construtiva.

Enfatizamos: Quando somos ameaçados reagimos com medo. O medo em si não tem nada de mal. Avisa-nos do perigo e evita que sejamos descuidados. Mas o medo não deve regular as nossas acções. Reacções devidas ao medo são perigosas e não ajudam. Coragem significa ultrapassar o medo e fazer o que for certo. A Bíblia afirma: “o perfeito amor lança fora o temor” (1 João 4: 18). O amor que Deus tem por nós é a chave para um modo de vida que está atento a todos os perigos a que estamos sujeitos, mas que lida com eles com coragem criativa.

Perguntamo-nos: O que nos ameaça mais na situação actual? Que género de protecção ou de segurança ansiamos? Como pode o amor de Deus ultrapassar a nossa ansiedade?

2. A busca de segurança e o empenhamento na liberdade

Em relação a crimes como assalto ou roubo na antiga República Democrática Alemã, vivia-se em segurança. O quase total controlo da vida pública e privada e o hermético isolamento do exterior, tornavam difícil aos criminosos escapar à polícia. Havia uma piada: “Na prisão estás realmente em segurança!” (lamentavelmente nem isto é verdade em muitas partes do mundo!)

Este exemplo extremo ilustra o problema que enfrentamos hoje. Não só queremos proteger a nossa vida, mas também a nossa liberdade. Gente de diferentes origens deveria viver junta em segurança sem discriminação nos nossos países. Nós estamos convencidos que as pessoas que ameaçam a nossa sociedade com ataques terroristas gostariam de estabelecer um sistema onde as pessoas fossem tratadas arbitrariamente sem direito a um processo justo. Mas se nós, em defesa da nossa liberdade, negarmos a outras pessoas o direito a um julgamento justo e suspeitarmos das pessoas ou as discriminarmos porque elas pertencem a um certo grupo de seres humanos, nós estamos a destruir o que queremos proteger, a tolerância e a liberdade numa sociedade aberta, e o respeito pelos direitos humanos.

É próprio da natureza de muitos regimes terroristas impor uma moratória aos direitos humanos em ordem a criar uma sociedade melhor. Tal sociedade nunca aparece porque aqueles que dirigem estão habituados à exploração e abuso.

Isto devia ser um aviso, mesmo que não pensemos ter já atingido tal situação na maior parte dos nossos países. A protecção dos direitos humanos e o empenhamento pela liberdade são valores não negociáveis, nem mesmo em nome da segurança. Vigilância aumentada e agressiva, tática forçada de leis “não tradicionais” estão em perigo de destruir aquilo que pretendem proteger. Isto alude a uma verdade impopular: a liberdade tem o seu preço. Não se pode ter liberdade e segurança total. Mas o que é segurança neste contexto? Theodore Weber escreve, numa perspectiva Bíblica: “A mudança realmente importante na nossa tomada de consciência do problema da segurança, efectua-se quando reconhecemos que a segurança real é a liberdade passível de ser vulnerável e que esta liberdade é um ingrediente prioritário de uma comunidade integral.”²

Uma frase atribuída a Martin Luther King diz: “Não haverá paz se o caminho para a paz não for a própria paz”. Como povo Cristão devíamos ser sempre “objectores de consciência” contra a

² Theodore Weber, Revista Trimestral, Verão 1986, p. 24

sabedoria deste mundo, quando afirma que o fim justifica todos os meios. Em larga medida os meios originam o fim.

Isto pode não se aplicar apenas às relações internacionais e à vida na sociedade. Podemos também perguntar a nós próprios se na vida pessoal a “super-protecção” destruirá o que queremos manter seguro ou quando na vida da Igreja, a “super-regulamentação” legal abafa a liberdade dos filhos de Deus.

Enfatizamos: Como seres humanos não atingiremos a segurança total nem a liberdade total e ainda menos ambas. Para vivermos em segurança temos que abdicar de alguma da nossa liberdade. Mas para permanecermos livres, não podemos desistir de todos os nossos direitos civis e liberdade de circulação em troca de promessas de aumento da segurança. Como povo Cristão, estamos cientes que a liberdade implica riscos para as nossas vidas, para bem de outras pessoas. Isto pode ajudar-nos a encontrar o equilíbrio certo entre o compromisso pela liberdade e a busca de segurança.

Perguntarmo-nos: Em que sentimos a tensão entre segurança e liberdade? O que nos ajuda a encontrar o equilíbrio certo?

3. A busca de segurança e a necessidade de confiança

Segundo a opinião de muitos comentadores políticos, a queda do muro de Berlim e o fim dos regimes comunistas não foi devido ao rearmamento do Ocidente com mísseis e armas nucleares. Além da falência económica do sistema comunista, foi especialmente a “Organização para a Segurança e Cooperação na Europa”, com as suas medidas construtoras de confiança que ultrapassou as barreiras do medo e agressão, e ajudou a construir pontes que finalmente juntaram os povos. Medidas promotoras de confiança são acções que tentam provar à outra parte a nossa boa vontade, fornecendo informação aberta em assuntos sensíveis, acesso fácil a áreas sob suspeita e concessões prévias em negócios controversos.

Há algum risco envolvido em tais acções – e além disso elas sempre foram disputadas; mas tais acções podem ser a única oportunidade de abrir uma brecha entre frentes rígidas. Isto pode ser também verdade em algumas das actuais zonas de tensão.

O novo muro entre Israel e a Palestina pode criar um sentimento de segurança para o povo de Israel, pois protege do acesso fácil dos Palestínianos às cidades de Israel. Mas também retira aos Palestínianos porções da sua terra e será uma fonte constante de ódio e agressão. Enquanto não houver um processo para construir uma confiança mútua entre ambos os lados, não haverá paz no Médio-Oriente. Uma política promovida pela força militar e a retaliação não serão suficientes para gerar uma vida segura e pacífica nesta região.

Isto não significa que devemos negociar com “terroristas” acerca da “construção da confiança”. Dizemos isto, apesar de na história os “chamados” terroristas por vezes serem lutadores pela liberdade. Mas na medida em que os lutadores pela liberdade se comportam como terroristas a comunidade de Estados deverá lutar contra eles como a polícia luta contra criminosos. Mas a polícia deve ter o cuidado de evitar o uso de meios que possam criar solidariedade na vizinhança dos criminosos.

Além disso, as nações que querem combater o terrorismo e a injustiça no mundo devem fazer todos os possíveis para evitarem dar a impressão que isso é só um pretexto para alargar a área do seu domínio ou para assegurar os bens do mundo só para si!

As nações do Ocidente, especialmente os Estados Unidos, têm uma grande responsabilidade. Têm os meios e a força para cuidar das necessidades de outros e para assegurar uma boa ordem mundial. A situação é comparável a uma pequena cidade do “Faroeste” selvagem, onde o homem mais forte e mais rico se oferece voluntariamente para ser *sheriff*. Isto poderá ser uma boa coisa se

não tiver como pré-condição que ele também possa escrever as leis e ser o único juiz (inclusive das suas próprias acções).

Os povos do mundo olham para os Estados Unidos como a nação mais rica e mais forte do nosso tempo e esperam apoio e auxílio. Mas se os Estados Unidos quiserem determinar as condições exclusivamente do seu lado, produzirão desconfiança. Seria do melhor interesse de todos os povos do mundo se pudéssemos fortalecer o papel das Nações Unidas como o mediador dos diferentes interesses e como plataforma de decisão comum.

Também afirmamos o preâmbulo da “Estratégia de Segurança Nacional”, que declara “Somos também guiados pela convicção de que nenhuma nação pode construir sozinha um mundo mais seguro e melhor. Alianças e instituições multilaterais podem multiplicar a força das nações amantes da paz. Os Estados Unidos estão comprometidos em duradouras instituições como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio, a Organização dos Estados Americanos, a NATO assim como outras alianças a longo prazo.”

Nos últimos anos, tem havido algumas intervenções militares bem sucedidas, por exemplo na Serra Leoa e esperamos que, agora, também na Libéria. Aqui, sob a direcção das Nações Unidas, tropas de diferentes países cumprem uma missão de manutenção da paz. Reconhecemos alguns ingredientes deste sucesso: as pessoas estavam ansiosas por se libertarem do terror das partes em conflito e dos “gangs”; os “construtores da paz” não fizeram guerra a nenhum grupo em especial mas foram firmes em proteger o povo e desarmar os rebeldes após cuidadosa negociação e não eram suspeitos de lutar pelos interesses do seu país de origem.

A credibilidade é um dos ingredientes mais importantes para construir confiança. Temos que reconhecer que especialmente as chamadas nações Cristãs do Ocidente perderam muita credibilidade no mundo. Demasiadas vezes misturaram as suas agendas estratégicas e económicas com os elevados princípios pelos quais pretendiam trabalhar e lutar. Quando parecia ser do seu interesse aliaram-se com ditaduras como Pinochet, Mobutu ou mesmo Saddam Hussein, enquanto eles lutavam contra outros com voz de profunda convicção e santa indignação. Sabemos que já não há aquilo a que se possa chamar “nação Cristã”, mas há líderes que são Cristãos e algumas maiorias de povo Cristão nos nossos países e um dos passos mais importantes para eles, de modo a criar mais segurança, consistiria em fazer todo o possível para recuperar a credibilidade, e construir mais confiança e solidariedade entre as nações e nos seus próprios países.

Criar confiança não é urgente apenas nas relações internacionais. Em países como o Burundi ou o Ruanda aprender a confiar uns nos outros será o único caminho para uma vida de paz entre os Hutus e os Tutsi. É importante para o desenvolvimento de sociedades multi-raciais como a África do Sul ou os Estados Unidos que diferentes grupos desenvolvam e mantenham confiança mútua. Precisaremos de medidas geradoras de confiança, para abrir os corações dos jovens mais audazes que perderam a confiança em toda a gente e que por isso lutam contra a sociedade. Para as vítimas de abuso sexual e perseguição, medidas “construtoras de confiança” podem ser uma política clara e consistente quando tais casos ocorrem.

Para a vida da Igreja Metodista e das suas congregações pode ser de importância vital que diferentes tendências teológicas recuperem confiança uma na outra em vez de continuarem a lutar pelo poder dentro da Igreja.

O primeiro passo para renovar a confiança deve vir normalmente de um grupo ou de uma pessoa que está no poder ou que detém uma posição forte. Como Cristãos, não devemos usar o jogo de “O primeiro a mexer-se, perde”, devemos pelo contrário tentar tudo para começar a construir pontes com suficiente capacidade de suporte de carga para transpor profundos abismos de medo, desconfiança, ou mesmo ódio.

Enfatizamos: Para criar segurança a longo prazo e paz entre nações, grupos étnicos ou posições diferentes dentro da sociedade ou da igreja temos que conseguir confiança mútua. Correr o risco de dar

o primeiro passo em direcção a medidas de “construção de confiança” é muitas vezes a chave da solução.

Perguntamo-nos: Em que áreas da vida temos mais esperança numa renovação da confiança? O que podemos fazer pessoalmente para ajudar a que tal aconteça?

4. A busca da segurança e a chamada para um estilo de vida responsável

Façamos um momento de intervalo. O terrorismo internacional e a “violência doméstica” não são as únicas ameaças que hoje amedrontam os povos. Em muitas regiões de África o HIV e a SIDA destruíram toda uma geração. Na Ásia, novas doenças como a SARS ameaçam e amedrontam as pessoas.

Outra eminente ameaça global é por vezes negada e ignorada. É o perigo que advém das crises ecológicas. Não há dúvidas acerca disto: estamos numa mudança dramática do clima do planeta e a maior parte das suas causas são de origem humana. A análise das maiores companhias de seguros que cobrem os danos dos desastres naturais deixa perfeitamente claro: há um tremendo aumento de desastres de todo o género, muitos dos quais resultam da destruição humana do ambiente, tal como a deflorestação, a poluição, o desperdício de energia e outros tipos de descuido grave com os recursos do nosso planeta.

Já houve quem dissesse com razão: Estamos a usar a Terra como se tivéssemos outra de reserva. Mas Deus encarregou os seres humanos de cuidar daquilo que Ele criou para todos nós!

O espantoso é que a maior parte das pessoas não se preocupa com estes perigos. O perigo parece distante e a ameaça é só para os outros... Embora haja mais gente a morrer devido à deterioração do ambiente do que devido a todos os ataques terroristas no seu conjunto, os governos são demasiado lentos a reagir ou negam totalmente o problema. Biliões de dólares são gastos em segurança militar, enquanto que poucos recursos são usados na protecção daquilo que Deus criou.

E tal nem custaria muito. Viver com um estilo de vida sustentável mudaria as atitudes e a maneira de viver actual, mas diminuiria nitidamente o padrão de vida dos chamados países desenvolvidos. E ao contrário: os chamados países subdesenvolvidos teriam oportunidade de “apanhar” uma maneira responsável que não sobrecarregasse o ecossistema. Só precisaríamos de usar novas tecnologias que já estão à mão para poupar energia e reduzir a emissão de dióxido de carbono e outras substâncias prejudiciais para a atmosfera, a água e o solo. Teríamos que vigiar os nossos hábitos alimentares e o uso de energia, como os alimentos são produzidos e crescem e quanto se desperdiça com isso.

Em todos estes assuntos, o melhor das pesquisas científicas está de acordo com a simples história Bíblica de Deus ter posto Adão no Jardim do Éden “para o lavrar e o guardar” (Gn 2: 15). Este encargo é ainda válido fora do Éden e não contradiz outros mandamentos bíblicos para o ser humano, no que diz respeito à criação: “Enchei a terra, e sujeitai-a” (Gn 1:28). Não se espera que façamos da terra o Parque Nacional Global que deveria ser – se possível – no mesmo estado em que se apresentava antes da “revolução” Neolítica. Nós temos de cultivar o solo, tratar das colheitas, lutar contra as doenças e usar os recursos naturais; mas havendo tão numerosa população como há hoje, temos que o fazer de maneira sustentável, de modo que não cause a extinção de milhares de espécies de plantas e animais que também fazem parte da Criação de Deus e para que não destruamos a base natural das nossas próprias vidas.

Um estilo de vida responsável pode também ser a solução para evitar doenças como a SIDA. Campanhas de informação sobre isto possibilitam a prevenção desta infecção e são tão importantes como uma medicina com recursos que mitiguem os efeitos da doença de modo que muita gente possa viver mais tempo e com estado de saúde mais aceitável.

Mas sejamos claros: As doenças e os desastres naturais mostram-nos que não há segurança absoluta ao alcance dos seres humanos. Deus fez a terra como um lugar seguro para nós. Mas não incluiu uma garantia de que todos chegassem aos 80 ou 90 anos de idade. Outro exemplo: por causa

da maneira como é feita a estrutura tectónica do nosso planeta, sempre haverá tremores de terra em certas regiões do globo. O que podemos fazer responsabilmente nessas regiões, é construir edifícios que resistam ao desmoronamento que sepultaria centenas de pessoas sob os escombros. Às vezes há quem nos recorde que o único sítio para estar seguro é nas mãos de Deus. Isto não deve fazer de nós fatalistas. Dá-nos uma base e um espaço livre para uma vida em moldes de responsabilidade.

Enfatizamos: Há perigos e ameaças no mundo para cujo aparecimento e aumento nós contribuimos. Há outras que são difíceis de evitar, mas que podemos enfrentar com a certeza de que a nossa vida está nas mãos de Deus e que nada que aconteça “nos poderá separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 8: 39).

Perguntamo-nos: Onde descobrimos a nossa parte dentro das ameaças crescentes à vida humana neste planeta? O que podemos fazer para evitar ou reduzir a deterioração das condições de vida para tantos seres humanos e para outras espécies de seres vivos?

5. A busca de segurança e a prossecução de justiça

Comunidades vivendo em locais fechados podem ser uma solução para o problema da segurança para “gente fina” por algum tempo. Mas não resolvem os problemas reais nem criam uma comunidade segura para todos. Tem que haver outra abordagem, na busca da segurança.

Certamente que mesmo numa sociedade sã pode haver indivíduos que assaltem outros e que tentem agredi-los ou roubá-los. Mas se numa sociedade um grupo inteiro tem que se proteger dos outros com muros, arame farpado ou segurança pessoal, então há algo de errado em tal sociedade. Se em alguns países uma alta percentagem de jovens se torna delinquente num certo estrato da população, isto não é a causa do problema, mas um dos seus sintomas. Se em alguns países, moças de famílias pobres se prostituem para poder ajudar as famílias, isto não é o problema, mas um sintoma. Obviamente, esta juventude não tem futuro na “vida normal” da sua sociedade e torna-se uma ameaça para a segurança, ou desperdiça a sua vida em ganhos de curto prazo.

De modo semelhante, o terrorismo pode ser menos a causa do problema, no mundo actual, do que um sintoma. Embora seja sabido que muitos dos dirigentes terroristas sejam provenientes de famílias do topo social, eles encontram apoio nas massas de jovens que anseiam por um futuro melhor para si e para os seus países. Poderemos dar-lhes uma melhor visão do futuro?

A Estratégia para a Segurança Nacional só tem uma solução para estes problemas: mercado livre. Com um zelo quase religioso, o comércio livre e o mercado livre são repetidamente oferecidos como os remédios para o problema da pobreza, educação fraca e subdesenvolvimento. “mercados livres e comércio livre são prioridades-chave para as nossas estratégias de segurança nacional”.³ Onde será que os autores desta estratégia encontram “números” que os apoiem nesta convicção de que “comércio e mercado livres já provaram a sua capacidade para elevar da pobreza sociedades inteiras” e que só a liberdade económica pode resolver o problema da desigual distribuição de recursos na sociedade ou no mundo, dos pobres cuidados de saúde e do acesso desigual às oportunidades de educação na sociedade?⁴

Nós vemos o contrário em quase toda a parte do mundo onde não há componente social no sistema de mercados livres. O mercado livre deve ser também um mercado justo onde as pessoas tenham o seu trabalho e os seus bens a preços justos, que permitam viver de modo suficiente. Precisamos de mercados livres como componentes de um sistema social justo onde os cuidados básicos de saúde sejam fornecidos a todos, onde todos tenham acesso à educação apropriada às suas necessidades e aos seus talentos e onde estejam protegidos por lei ou pela força da mesma maneira.

³ A Estratégia para a Segurança Nacional dos Estados Unidos da América (Setembro 2002), p. 23

⁴ Segurança Nacional, Carta Presidencial e págs. 17-20. A nossa crítica à abordagem simplícista, neste documento, aos problemas da pobreza e suas consequências não nega que há alguns objectivos e garantias a aplaudir na actual administração dos US que ali são mencionados.

É este o padrão para justiça e paz e segurança pública encontrado na Bíblia e este é o caminho para uma sociedade sã e segura, para hoje e para o futuro.

Temos que aplicar estes princípios não só para a sociedade nos nossos respectivos países mas também para a vida conjunta na “aldeia global”. Só seremos capazes de viver juntos em segurança se procurarmos justiça e paz para todos.

Os Romanos costumavam dizer: “Se queres paz prepara-te para a guerra”. Este conselho pode ser bom para manter um império. Mas não é a maneira de dar às pessoas a paz de que precisam. A ética Cristã diz-nos: “Se queres paz, trabalha pela justiça”. Este é o rumo que devemos prosseguir na busca por segurança. O teólogo Franciscano, Padre Bryan Massingdale, dá uma viva descrição da espécie de segurança que pode resultar quando seguirmos desta maneira. Segurança na perspectiva da fé “é um estado de bem-estar que flui da inclusão de todos na posse da terra. A segurança abrange todos e resulta do cuidado e da preocupação uns com os outros. A segurança resulta do empenho no bem comum e da promoção de solidariedade entre as nações e os povos. A segurança advém do reconhecimento e defesa dos direitos humanos básicos, os primeiros dos quais são a vida e as coisas necessárias para o seu adequado e autêntico desenvolvimento. A segurança resulta de todos terem acesso e apreciarem: alimento, casa, vestuário, cuidados médicos, segurança social, educação, ambientes saudáveis e um salário para subsistência. A segurança deriva de compreender que a preocupação só com o seu próprio interesse é o caminho seguro para um desastre social”.⁵

É esta a segurança que procuramos? Ou queremos ter outras opções?

O Padre Massingdale fala de “duas visões em competição quanto à segurança, baseadas em duas visões do mundo altamente divergentes. A primeira está baseada num mundo de medo, busca de segurança no poder militar dirigido para o fim de defender os privilégios económicos de uns poucos. A outra, baseada numa visão abençoada do mundo vê a segurança baseada num esforço de assegurar que as bênçãos da criação são gozadas por todos. Como respondemos a estas visões?”⁶

Talvez esta alternativa nos pareça demasiado simplista. Mas aponta claramente para as escolhas que devemos fazer. Nunca haverá “segurança total” para os seres humanos. Segurança total – se fosse possível – seria escravatura total. Mas os que foram chamados por Aquele que renunciou e sacrificou a sua segurança pessoal para salvar todos os seres humanos, devem estar prontos para procurar uma segurança, não apenas aquela que preserva a nossa maneira de viver, mas aquela segurança que traz vida e paz a todos que seja possível.

Enfatizamos: Se queremos viver numa sociedade segura e num mundo em que reine a paz Bíblica, precisamos de orar por uma sociedade justa e por uma comunidade inclusiva e abrangente, de seres humanos que não excluam ninguém.

Perguntamo-nos: Qual deverá ser o primeiro passo na nossa vizinhança, na nossa cidade, no nosso país, para nos movimentarmos em direcção a tal comunidade.

6. A busca de segurança e o dom da reconciliação

Já referimos a frase de Martin Luther King: “Não haverá paz se o caminho para a paz não for a própria paz”.

Desde a mensagem Bíblica e daquilo que podemos aprender de uma visão profunda da natureza dos conflitos humanos, torna-se evidente que a reconciliação é o “caminho para a paz que é a própria paz”. Reconciliação não é no sentido de apaziguamento. Mais do que saber lidar com os conflitos, reconciliação é a transformação dos conflitos.⁷ É resolver os conflitos desde as suas raízes. Por isso, a reconciliação é o caminho ideal para a segurança.

⁵ O Padre Brian Messingdale, From Homeland to Biblical Security, Origins, 20 de Fevereiro de 2003 (598-603) p. 601

⁶ Messingdale, loc. cit. p. 602

⁷ Cf. John Paul Lederach, The Journey towards Reconciliation: Scotdale: Harald Press, 1999.

Reconciliação é o processo de restauração de relações cortadas entre pessoas ou grupos, que foram destruídas pela inimizade, ódio ou culpas. A reconciliação ultrapassa um passado que está queimado pela culpa e envenenado pelo sofrimento não expiado das vítimas da violência e da contra-violência.

É por isto que as questões da culpa e da justiça têm que ser levantadas no processo de reconciliação. Quem violou outros deve reconhecer o que fez e pedir perdão. Os que foram feridos deveriam estar prontos a perdoar. Mas é importante que isto não crie um novo jogo de poderes em que o perpetrador se torne vítima e a vítima pareça o opressor. Por vezes, ambas as partes participaram nas causas do conflito. A reconciliação lida com a justiça que ultrapassa a culpa e ódio mas não é um julgamento.

A Reconciliação trabalha para o equilíbrio entre interesses em conflito quer quanto à sociedade quer quanto a nações. Interesses legítimos dos dois lados podem competir uns com os outros e ser motivo para prolongar o conflito. “Reconciliação, no sentido político, é o processo de conseguir gradualmente coordenar e fortalecer os elementos da comunidade internacional e doméstica. Quanto mais forte for a comunidade, a sua identidade, costumes e leis, mais forte a invisível e pressuposta segurança de ser livre para ser vulnerável. Quanto maior a segurança invisível da vontade comum e do suporte social, menor se torna a necessidade de uma segurança visível de ‘forças coercivas’. Por isso, uma política de reconciliação que tenta ultrapassar hostilidades, conciliar interesses e geralmente fortalecer a criação de relacionamentos sociais, pode ser muito mais válida para a segurança política do que uma política de competição em armamentos”.⁸

Reconciliação leva tempo. Demorou algum tempo, após a II Guerra Mundial, até que um processo de reconciliação entre a Alemanha e os seus vizinhos tivesse começado e levado a paz a esta região do mundo devastada pela guerra. O povo alemão tornou-se capaz de pedir perdão por atrocidades inenarráveis cometidas durante a guerra, e de desistir do que eles pensavam ser reclamações legítimas do antigo território alemão. Os Estados vizinhos acabaram por confiar nessas palavras e aceitaram sinais de arrependimento e expiação. É bom saber que as Igrejas já não pregam a retaliação contra inimigos tradicionais e assumem o risco de dar os primeiros passos impopulares na direcção da reconciliação através de palavras de arrependimento e de convite aberto à desistência de antigas reclamações.

Encontramos processos semelhantes em sociedades fracturadas. Na África do Sul e na Serra Leoa uma “Comissão de Verdade e Reconciliação” tentou lidar com as atrocidades cometidas durante o ‘*Apartheid*’ num caso e na guerra civil, no outro. Este processo é uma tentativa de lidar com estes assuntos não como a justiça do vencedor, mas num espírito de reconciliação. É uma tentativa de renunciar à retaliação sem desistir da justiça. O veredicto é ainda saber se isto conduzirá mesmo à verdadeira reconciliação. Mas a tentativa é notável. Aqui também, os dirigentes das Igrejas estão na linha da frente na sua implementação. Tal como dissemos: A Reconciliação leva tempo.

A Reconciliação também requer coragem. Dar o primeiro passo que abra o processo de reconciliação é por vezes um grande risco. Na Catedral de St. Patrick em Dublin, Irlanda, pode ser vista uma porta com um grande buraco. Há uma lenda que diz que após uma longa contenda entre a casa de Ormond e de Kildare que ceifou muitas vidas, as duas partes reuniram em salas dos dois lados dessa porta. Acabaram por concordar numa trégua, mas só depois disso o chefe de uma das partes fez um buraco na porta e, em sinal de boa fé, estendeu o seu braço para serem capazes de se cumprimentarem e de fazerem as pazes. “Arriscar o seu braço” tornou-se um dito significando “Dar o primeiro passo perigoso”.

Há quem tente reavivar a mensagem que isto poderá ter para as partes hostis na Irlanda do Norte do nosso tempo. Sabemos que há Cristãos devotos de ambos os lados que tentaram dar passos semelhantes, mas não conseguiram convencer a maioria dos seus concidadãos. E contudo estão no

⁸ Cf. Theodore Weber, loc. cit. p. 24

caminho certo: “O Novo Testamento chama os Cristãos para aceitarem o risco da vulnerabilidade como salvaguarda da reconciliação com o inimigo”.⁹

Não só os Cristãos são impelidos a proceder assim. Izhaq Rabin, anterior Primeiro-Ministro do Estado de Israel, e Anwar Saddat, anterior Presidente do Egipto, assumiram este risco, de modo a fazer a paz entre os seus países. Mas ambos foram assassinados por compatriotas fanáticos que não queriam seguir a via da reconciliação. Contudo, o seu legado pode ser a semente a lançar, da qual a paz no Médio Oriente possa germinar e crescer.

Podemos lembrar aos povos Cristãos e não-Cristãos o que Deus fez por eles em Jesus Cristo. Jesus foi o braço que Deus estendeu ao mundo para fazer a paz com os seres humanos. Quando mataram o Mensageiro da Paz, isso não foi o fim da reconciliação, mas o seu cumprimento. Deus tomou sobre si as consequências do ódio, da violência e da culpa, na morte de Jesus na cruz. Como diz S. Paulo: “E tudo isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhe imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2 Co 5: 18-19).

Como povo Cristão somos os mensageiros da reconciliação através da palavra e das acções. Esta é a nossa chamada e a nossa contribuição para a busca da segurança em que todos estão envolvidos.

Esta, é claro, é uma espécie de reconciliação que não pode ser um objectivo da simples acção política. Mas baseia-se no contexto em que todas as nossas acções têm lugar. Reconciliação no contexto implica que todas as nossas acções são parte de um processo activo movendo-se em direcção a uma globalidade e renovação, quer se consiga ou não atingir esse alvo.

Enfatizamos: O caminho para a paz autêntica e segura é a reconciliação. Não atingiremos a Reconciliação total entre todos os povos antes da consumação final de Deus, por causa de todas as forças do mal e da destruição que ainda trabalham nos corações dos seres humanos e no seu inter-relacionamento. Nós somos chamados a ser construtores de paz e ministros de reconciliação até que o Senhor venha.

Perguntamo-nos: Em que área da nossa vida e da nossa sociedade a reconciliação é mais necessária? Em que podemos contribuir para um processo de reconciliação em tais conflitos?

Como Conselho dos Bispos convidamos amorosamente o povo chamado Metodista:

- a estudar este documento cuidadosamente e a discutir as questões e implicações uns com os outros;
- a procurar maneiras através das quais possamos buscar e trabalhar por uma segurança baseada na confiança, justiça e reconciliação;
- a orar por aqueles que sofrem mais por falta de segurança e também por aqueles que, nas arenas políticas, são responsáveis por providenciarem meios que promovam vida com mais segurança;
- a comunicar-nos, de acordo com as vossas opiniões, o que a Igreja como um todo deveria fazer de modo a ajudar as pessoas nesta busca pela segurança.

Bispo Walter F. Klaiber (da Alemanha)

em colaboração com o “grupo de trabalho especializado” composto pelo Bispo William Grove, de Charleston, Bispo Alfred Johnson, de New Jersey, Bispo José Quipungo, de Angola; Bispo Timothy Whitaker, da Florida, Dale White, de Newport e James Winkler, secretário-geral do General Board da Igreja e Sociedade, de Washington.

Trad. J.B.

⁹ Cf. Theodore Weber, loc. cit. p. 17

ÍNDICE

I – O Problema	1
II – Segurança numa Perspectiva Bíblica	2
1. As Promessas de Deus.....	2
2. Caminhar em Segurança	2
3. A Redenção de Israel	2
4. A Questão da Justiça.....	3
5. Confiança e Segurança.....	3
6. Contra a Falsa Segurança	3
7. As Guerras do Senhor.....	4
8. A Vulnerabilidade dos Discípulos	4
9. A Luta Espiritual.....	5
10. O Cumprimento Final.....	5
III – Perspectivas para a nossa actual situação	5
1. A busca de segurança e a pressão do medo.....	6
2. A busca de segurança e o empenhamento na liberdade	7
3. A busca de segurança e a necessidade de confiança	8
4. A busca da segurança e a chamada para um estilo de vida responsável ..	10
5. A busca de segurança e a prossecução de justiça	11
6. A busca de segurança e o dom da reconciliação	12